

# O JOGO MAIS PERIGOSO

RICHARD CONNELL

## ÍNDICE

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| Nota à presente edição . . . . . | 11 |
|----------------------------------|----|

### O JOGO MAIS PERIGOSO

|                                               |     |
|-----------------------------------------------|-----|
| O jogo mais perigoso . . . . .                | 17  |
| O crime de <i>monsieur</i> Pettipon . . . . . | .51 |
| A garrafa do senhor Braddy. . . . .           | .71 |
| O homem que imitava uma abelha . . . . .      | 95  |

## NOTA À PRESENTE EDIÇÃO

«O jogo mais perigoso» é a história mais aclamada de Richard Connell, tendo feito do autor nova-iorquino um grande sucesso e levado à atribuição ao autor do seu segundo prémio O. Henry Memorial para ficção. Adaptado pela primeira vez ao cinema em 1932, sendo as suas adaptações mais recentes um filme (*remake*) de 2022 e uma série televisiva cuja emissão terminou em 10 de Março de 2023, trata-se de uma história de *suspense* que, inicialmente, se chamava *The Hounds of Zaroff* [Os Cães de Caça de Zaroff], tendo sido primeiro publicada no jornal *Collier's Weekly* em Janeiro de 1924.

Na presente edição, juntam-se a este conto de reconhecido sucesso outras três histórias do contista norte-americano: «O crime de *monsieur* Pettipon», «A garrafa do senhor Braddy» e «O homem que conseguia imitar uma abelha».

Se o primeiro, «O jogo mais perigoso», que dá título à obra, foi ambientado ao estilo das comuns expedições de caça da classe alta americana na década de 20 do século passado, misturando elementos de ficção gótica com o género de aventuras para criar uma história divertida e de

ritmo acelerado, mas com cenários de vingança, horror e maldade que testam os valores e a moral das suas personagens, levando o leitor num jogo de gato e rato; o segundo, «O crime de *monsieur* Pettipon», passado na França pós-Primeira Guerra Mundial, mistura magistralmente humor com intriga, destacando as armadilhas da desonestidade e as consequências humorísticas mesmo das mais pequenas transgressões.

Já o terceiro, «A garrafa do senhor Braddy», decorre durante a vigência da Lei Seca nos Estados Unidos da América, fazendo uma ode ao poder libertador da embriaguez e dos seus efeitos. Neste conto, Connell, recorrendo à sua mente cinematográfica, pinta ao detalhe as personagens, dando especial atenção à forma como falam, introduzindo erros e sotaques para nos dar todos os matizes das classes sociais a que estas pertencem.

Por último, temos «O homem que conseguia imitar uma abelha», em que, mais uma vez, o autor recorre ao som e ao humor para nos entregar um protagonista que, no século xx, poderia ter sido considerado «precoce», «sensível» e «*savant*», mas que, actualmente, seria certamente apelidado de neurodivergente devido às suas dificuldades de reciprocidade e socialização, assim como à sua hiperfocalização e ao seu interesse especial: as abelhas. Ao mesmo tempo, Connell fala-nos da degradação do ser humano, fazendo da personagem principal um exemplo de alguém que ignora os seus valores morais e acaba por perder a própria identidade.

Juntando pela primeira em Portugal estes contos, a presente colectânea mostra a inteligência inigualável de Connell e a sua capacidade de contar histórias, convidando os leitores a uma viagem pelas peculiaridades sociais do início do século xx e pela condição humana, numa combinação perfeita de humor e perspicácia.

# O Jogo Mais Perigoso

## O JOGO MAIS PERIGOSO

— **A**li à direita, algures, há uma ilha grande — disse Whitney. — Que é um tanto misteriosa...  
— Que ilha é essa? — perguntou Rainsford.

— Os mapas antigos chamam-lhe «Ilha dos Naufrágios» — respondeu Whitney. — Um nome sugestivo, não te parece? Os marinheiros têm-lhe pavor. Não sei porquê. Uma superstição qualquer...

— Não a consigo ver — comentou Rainsford, tentando descortiná-la através da humidade palpável da noite tropical que impunha a sua escuridão densa e quente sobre o iate.

— Tu vês bem — afirmou Whitney, a rir. — Já te vi acertar num alce em movimento entre os arbustos castanhos do Outono a mais de trezentos metros, mas nem tu consegues ver a uns cinco ou seis quilómetros de distância numa noite caribenha sem luar.

— Nem a mais de três metros! — admitiu Rainsford. — Ui! Está escuro como o breu!

— No Rio, haverá claridade que chegue — assegurou Whitney. — Chegaremos dentro de alguns dias. Espero

que as armas *Purdey* para os jaguares já tenham vindo. Devemos conseguir fazer uma boa caçada na Amazónia. É um bom desporto, a caça.

– O melhor desporto do mundo – concordou Rainsford.

– Para o caçador – emendou Whitney. – Para o jaguar, nem por isso.

– Não digas asneiras, Whitney – repreendeu Rainsford. – És um caçador, não um filósofo. Quem se importa com o que o jaguar sente?

– Talvez o jaguar – observou Whitney.

– Oh! Eles sabem lá!

– Ainda assim, acredito que entendam uma coisa: o medo. O medo da dor e o medo da morte.

– Disparates – riu Rainsford. – O calor está a amolecer-te, Whitney. Sê realista. O mundo divide-se em duas categorias: os caçadores e as presas. Felizmente, tu e eu somos caçadores. Olha, achas que já passámos a tal ilha?

– No escuro, não te sei dizer. Espero que sim.

– Porquê? – perguntou Rainsford.

– O sítio tem fama. Má fama.

– Canibais? – arriscou Rainsford.

– Não me parece. Nem os canibais viveriam num lugar tão esquecido por Deus, mas, por alguma razão, faz parte das histórias dos marinheiros. Não reparaste que hoje a tripulação parecia ter os nervos à flor da pele?

– Agora que o dizes, estavam um pouco estranhos. Até o capitão Nielsen...

– Pois, até esse velho sueco, que é tão pragmático que seria capaz de ir pedir lume ao próprio Diabo. Nunca lhe



tinha visto aquele olhar nos seus estranhos olhos azuis. A única coisa que lhe consegui arrancar foi: «Este sítio tem má fama entre os marinheiros, *sir*.» Depois, num tom muito sério: «Não sente?», como se o ar à nossa volta fosse, de facto, venenoso. Não te rias com o que te vou dizer. Eu senti mesmo alguma coisa, um arrepio repentino.

»Não havia vento. O mar estava tão calmo que parecia um mar chão. Estávamos a aproximarmo-nos da ilha. O que eu senti foi um... um calafrio na alma; uma espécie de pavor súbito.

– Pura imaginação – retorquiu Rainsford. – Um marinheiro supersticioso consegue infectar uma tripulação inteira com o seu medo.

– Até pode ser, mas às vezes acho que os marinheiros têm um sexto sentido que os avisa quando estão em perigo. Às vezes acho que o mal é algo tangível, com comprimentos de onda, como o som e a luz. Um sítio maléfico pode, por assim dizer, emitir más energias. Seja como for, fico contente que já nos estejamos a afastar daquela zona. Bom, acho que me vou deitar, Rainsford.

– Não tenho sono – replicou Rainsford. – Vou fumar outro cachimbo no convés da popa.

– Nesse caso, boa noite, Rainsford. Vemo-nos ao pequeno-almoço.

– Muito bem. Boa noite, Whitney.

\* \* \*

A noite estava silenciosa e, quando Rainsford se sentou, apenas o som abafado do motor a conduzir velozmente o